A TARDE SALVADOR **TERÇA-FEIRA** 14/6/2022

ENTREVISTA João Carlos Salles, Reitor da UFBA

"SÓ REACIONÁRIOS ACREDITAM QUE EXCELÊNCIA E REQUINTE SÃO PRERROGATIVAS DAS ELITES"

GONCALO JUNIOR

Especial para A TARDE

Continuação da entrevista iniciada na página 1 deste Ca-

Há uma proximidade com a banalização dos aspectos éticos e morais, seguidos da violência banalizada tanto lá atrás, na Alemanha, quanto no Brasil de hoje?

Parece que a permanência do mal o torna insensível às pessoas que se identificam com ele. Como se pudéssemos conviver, perdão pelo trocadilho, com o "mal necessário". O mal se justifica a todo tempo. Faz parte de sua estratégia não ser mera violência. Além de força bruta, quer ser sedução. Ou, pior ainda, quer mostrar-se inevitável e, por isso, invisível. Parte do absurdo está em que as pessoas, de tão assaltadas e devastadas, passam a se acostumar com ele, como se, após ataques reiterados, pudéssemos conviver eternamente com ele.

A sensação é de que depois de 660 mil mortos da pandemia, o país não consegue ser sensível a uma tragédia tão imensa, fruto de uma negligência criminosa. Tudo precisa ser recomeçado depois dessa política de terra arrasada, não

Exatamente. Os perigos, neste momento, ainda são muitos. O país está em frangalhos. Se conseguirmos superar essa política atual de ataques às universidades e ao conhecimento, isso não significa que a resposta será tranquila. Caminhos mais obscuros podem ser seguidos, mesmo em ambiente mais progressista. Uma lição de Cassirer talvez esteja na afirmação de que o conhecimento é mais amplo, deve ser mais amplo, não pode ser apenas instrumental, não pode seguir apenas ao mercado, não pode ser apenas aplicado. É preciso cultivar valores da cultura que ultrapassam a mera aplicação.

A Universidade está sempre vulnerável à manipulação po-

Eu vejo, às vezes, similaridade em discursos opostos no aspecto político, mas que acabam concluindo que o importante na Universidade é a formação de pessoas para o mercado de trabalho. Isso é verdade, a instituição não pode descuidar disso. Entretanto, como universidade, devemos proteger saberes que não têm aplicação imediata, que são, por assim dizer, apostas de longa duração. Dentro da Universidade, o que é substituído pela pressa, pelo imediato, torna-se um grande perigo; significa priorizar o que tem aplicação imediata, o que vai dar emprego. Com isso, esquece-se que esse espaço precioso é uma aposta da humanidade. Essa é certamente uma lição de Cassirer, a universidade é uma grande e necessária aposta da cultura...

Do pensamento...

Do pensamento! A Universidade é lugar de refinamento, mas de um refinamento que deve estar aberto a toda a nossa gente. Tempos atrás, no contexto de um debate, eu disse que somente reacionários acreditam que excelência e requinte são prerrogativas das elites. A gente, afinal, quer uma Universidade para todos, mas quer uma autêntica Universidade, que de fato tenha essa capacidade formadora e não apenas instrumental. E um perigo imenso, sobretudo por-



O mal se justifica a todo tempo. É parte da estratégia não ser mera violência. Além de força bruta, quer ser sedução

Devemos proteger saberes que não têm aplicação imediata, que são, por assim dizer, apostas de longa duração

A universidade é o lugar do encontro pedagógico e científico; o lugar de enfrentamento do obscurantismo

que cheia de tentações e de justificativas, a mera instrumentalidade, a técnica bem-sucedida, que normalmente não reflete sobre sua aplicação. Podemos citar vários exemplos em que a técnica pode causar dano, destruir culturas, o meio ambiente e valores essenciais da humanidade.

Você tem a ciência e o mercado de trabalho e são frentes que

a Universidade tem de cobrir,

certo?

Precisa, sem dúvida, dialogar com o mercado de trabalho, a indústria; ao mesmo tempo, com as comunidades tradicionais, com os movimentos sociais, mas também com a comunidade científica internacional, com a ciência, a medicina. São muitas frentes e qualquer visão unilateral, mesmo que seja uma reação à política atual, pode ser danosa. Por isso, temos um grande desafio, a reflexão precontinuar, mesmo quando afastarmos esse mal maior e imediato, esse lixo de valores, esse obscurantismo tosco e autoritário. Em suma, precisamos ter em conta uma dimensão de valores mais elevados, de modo que a Universidade seja uma aposta segura para contribuir com uma sociabilidade mais rica.

A pandemia atrapalhou o foco que se tinha em destruir a Universidade, uma vez que a busca pela vacina e medicamentos é justamente o papel da ciência formada nessas instituicões?

Esse é um benefício imediato da Universidade, que consegue dar respostas precisas a certas perguntas. Mas há perguntas não formuladas que precisam ficar em gestação na Universidade, não é o lugar apenas onde se bate na porta em busca de uma resposta imediata. No caso da pandemia, a resposta urgente (em conhecimento e também em solidariedade) diante de uma grave questão sanitária foi fundamental. Temos que pensar, porém, que a Universidade é um valor em si mesmo, assim como a democracia. Repito como um

mantra, também lembran-

do a forte expressão criada por nosso saudoso amigo Carlos Nelson Coutinho, que pugnou pela democracia como valor universal. Da mesma forma, temos que pensar que a universidade não é um mero instrumento.

Em que sentido?

A sociedade permite, exatamente por isso, que não seja uma mera repartição pública. Somos servidores públicos, sem dúvida alguma, mas a universidade é um espaço com autonomia, capacidade de reflexão, rebeldia natural e até mesmo balbúrdia. Não temos dúvida de que também fazemos balbúrdia, mas uma boa balbúrdia, no sentido de que pregamos o diálogo livre e desimpedido, a boa demonstração, a realização do indivíduo, a sua transformação em cidadão. Nossa balbúrdia está em que escolhemos a lógica e não a guerra, e assim o método por meio do qual chegamos a um consenso científico, por que alcançamos nossas verdades, em muito se assemelha à forma por que logramos deliberar sobre nosso destino e escolher os projetos que devem orientar nossa ação coletiva. Em todos esses casos, no ambiente da universidade, a palavra deve ter precedência sobre quaisquer outros instrumentos de poder.

É uma balbúrdia transformadora, no sentido positivo...

É uma balbúrdia transformadora, da cultura, de algo que não é somente instrumental, no sentido de organizar elementos da cultura de uma forma sofisticada. Por outro lado, a pan-

demia tirou a universidade

da mobilização, impôs o tra-

balho remoto. Uma pande-

mia tem seu preço. Se a vida universitária é o lugar do muito nos faltou. Aliás, muita e muita gente entrou na Universidade nesses mais de dois anos e ainda desconhece em muito esse espaço público. Afinal, um espaço público é sobretudo simbólico, não é um mero espaço físico. Por isso mesmo, é público se os comportamentos visam à constituição das condições de um diálogo desimpedido.

Essas afirmações não são um convite ao diálogo e ao de-

bate, não é mesmo? Não são. Se não temos oportunidade renovada de construção de consensos e divergências com qualidade, a medida da ação tende a ser individualizada. O interesse coletivo dá lugar à defesa nua e crua do interesse individual. Não por acaso, muitas vezes membros de nossa comunidade se colocam como clientes e não como cidadãos. Temos que restabelecer a boa balbúrdia do convívio, da confrontação das gerações, da vivência de experiências científicas e culturais diversas, de modo que, fazendo passear indivíduos e ideias, não deixemos espaço para a barbárie. Esse é um momento de reinvenção e, certamente, de muita luta; temos o grande desafio de fazer com que a imaginação recupere sua força. Ela é a melhor forma de combate a todos os tipos de males em todas as suas versões e em todos os níveis.

Na função de reitor, como você enfrentou e ainda enfrenta a pandemia?

Desde o início, percebemos que tínhamos de manter a comunidade unida, colocar

o debate no centro - acho que esse é o legado mais importante da nossa gestão -, fazer com que se preservasse a vida. Decisões difíceis foram tomadas, no sentido de suspender o presencial (que é uma marca fundamental da vida acadêmica), mas manter atividades, criar condições de manter o vínculo com os estudantes, utilizar tecnologias para isso, tecnologias que foram e são fundamentais. Porém, ao mesmo tempo. tem sido importante evitar a mera idolatria diante de ferramentas todavia tão neces-

Existem riscos de se perder o controle sobre isso?

Muitos. Soluções emergenciais, muitas das quais jamais abandonaremos, não podem criar a ilusão de que a Universidade não é o lugar da presença, que ela pode acaso se transformar em espaço virtual de ensino, que pode se dar à distância sem o convívio, sem o benefício do desafio da alteridade e a superação, pela experiência de diálogo e formação, de exclusões e preconceitos. A universidade se amesquinha se deixa de ser um lugar, um espaço de confrontação e acolhimento, no qual se desenvolvem ensino, pesquisa e extensão de qualidade. E também o professor se desnatura, caso aceite tornar-se sobretudo uma espécie mais bem codificada de youtuber. A universidade é sim o lugar do encontro pedagógico e científico; e, naturalmente, mesmo com todas as diferenças, é o lugar de enfrentamento do obscurantismo. Preservar essa essência tem sido nosso grande desafio. E, acredite, venceremos mais essa batalha.